

Amadis de Gaula

Gil Vicente

D

20

McKEW PARR COLLECTION



MAGELLAN
and the AGE of DISCOVERY



PRESENTED TO
BRANDEIS UNIVERSITY • 1961



GIL VICENTE

Amadís de Gaula

Tragicomedia escrita pelo autor em castelhano,
representada a el-Rei D. João III em 1533,
e agora paraphrasticamente passada a portuguez

POR

JULIO DE CASTILHO

Separata de «*O Instituto*», vol. 57.º

COIMBRA

Imprensa da Universidade

1910

O MUNDO DO LIVRO

L. da Trindade, 11 - 13

Tel. 2 9951 — LISBOA

GIL VICENTE

Amadís de Gaula

Tragicomedia escrita pelo autor em castelhano,
representada a el-Rei D. João III em 1533,
e agora paraphrasticamente passada a portuguez

POR

JULIO DE CASTILHO

Separata de «O Instituto», vol. 57.º

*Com Marquez de Turcheal.
Lembrança affectuosa do
Traductor*

COIMBRA

Imprensa da Universidade

1910

ESTA TRADUÇÃO
DA
OBRA MONUMENTAL
DO GRANDE
GIL VICENTE

É AFFECTUOSAMENTE DEDICADA

á pequenina

Isabel Maria Dlinia de Brito Freire

PELO SEU QUERIDO PADRINHO

Lumiar, 8 de junho
de 1908.

O TRADUCTOR.

ADVERTENCIA DO TRADUCTOR

Este *Amadis de Gaula* portuguez é traducção, e paraphrase tambem, da bella tragicomedia de GIL VICENTE. Traduzi textualmente muitas scenas, paraphraseei aquellas em que era necessario arranjar transições, aclarar pontos escuros, e adaptar a vetusta composição do nosso Troveiro immortal ás exigencias modernas.

Indicação dos scenarios, partição em actos, rubricas do movimento da scena, tudo é novo.

Prestei a devida homenagem ao genio do nosso maior dramaturgo, e tentei illuminal-o (quanto soube, e como pude) no clarão do theatro do nosso tempo.

A clareza é minha; o bello, o inconfundivel, o grande, pertence a GIL VICENTE.

J. DE C.

PESSOAS

AMADÍS DE GAULA, paladim valente e amoroso; moço formoso e imberbe; filho d'el-Rei Perião de Gaula. Traja de elegante guerreiro: coiraça, espada, punhal; tem na cimeira do elmo um O, com a esphera terrestre pintada dentro.

GALAOR, joven irmão de Amadís.

FLORESTÃO, o mesmo.

GANDALIM, o mesmo, ainda menino.

EL-REI LISUARTE DA GRAN-BRETANHA, ancião respeitavel, mas tímido; barba branca. Traja de antigo Rei, á maneira de certos Soberanos nas illuminuras em pergaminho: corôa e manto.

D. DORIM, Ministro do antecedente; figurão moreno, guedelhudo, e de enormes bigodes com pera ponteaguda; florete muito comprido.

ARBINDIETA, correio e emissario da côrte de Lisuarte; cara rapada; corneta a tiracollo; pasta á cinta.

O ERMITÃO; ancião em trajo monastico; barbas.

O ANÃO de Amadís; refalsado e intrigante; muito cheio de si, e vaidoso da sua linda estatura.

A RAINHA BRISENA, mulher de Lisuarte; personagem muda.

A PRINCEZA ORIANA, filha de Lisuarte e Brisena; formosa rapariga, loira, collo de garça, tranças de oiro cahidas

pelas costas. Traja de brocado de oiro, e lembra (até certo ponto) a Isabel do «Tannhauser».

MABILIA, dama, confidente, e amiga de Oriana.

CORISANDA, senhora illustre, namorada secretamente de Florestão.

DÍNAMARCA, dama do séquito da Rainha Brisena; activa e energica.

PAGENS, DAMAS, e um FRADE LEIGO; figuras mudas.

Com todos os seus anachronismos, a acção passa no seculo VI da era christan.

PROLOGO

RECITADO NO PROSCENIO, ANTES DE SE LEVANTAR O PANO, POR
UMA FIGURA VESTIDA Á ANTIGA PORTUGUEZA DO TEMPO D'EL-
REI D. JOÃO III. AFASTA O PANO, ENTRA, SAÚDA O PÚBLICO
TIRANDO O GORRO, E FALA.

Senhoras minhas e senhores meus.

Perdoae-me se entro assim furtivo. ; Não me conheceis?
eu sou o Prólogo. Principio antes do princípio; é o meu
costume; encarrego-me, em nome dos autores, de apresentar
a obra d'elles.

Já exercia este emprêgo na Roma velha; exerci-o em Ma-
drid, e na Lisboa manuelina.

Sou ainda (como diz o meu traje) habitante aposentado
do Portugal dos navegadores; fugi do seculo XVI, deitei a
correr, e consegui apanhar o vosso atarefado seculo XX.

Achei tudo muito mudado. A cidade é outra; a gente é
outra; as ideias são outras. Até eu já vou falando a vossa
linguagem moderna.

Ora bem: mas por isso mesmo que tudo é diverso do que
foi, é que me atrevi a trazer a este nobre theatro uma com-
panhia de representadores, para vos offerecer uma amostra
do que se usava, quando reinava el-Rei D. Manuel I, ou seu
Filho, e quando esses Soberanos presidiam aos agradaveis

serões da Alcáçova, da Ribeira, de Santos, de Almeirim, de Evora, ou de Coimbra.

Ides ouvir uma tragicomedia do illustre Gil Vicente :

«Amadís de Gaula». Foi escrita em castelhano, e traduziu-a agora para portuguez um admirador e amigo do autor.

Amadís (como sabeis) é personagem dos romances de cavallaria; symbolo do valor guerreiro e da fidelidade nos amores; figura muito especial, adornada de todas as prendas vulgares na idade média.

Chamavam-lhe o «Donzel do mar», porque o seu nascimento, embora Real, ficou envolvido em mysterios que não veem para aqui.

O romance parece originariamente portuguez, com quanto Castelhanos e Francezes nos disputem a primasia. O que vos affirmo, é que a obra dramatica de Gil Vicente, tirada do dito romance, é primorosa; ainda está viva, e toda viço. Pois foi representada (lembro-me bem) ao senhor D. João III nos seus paços de Evora em 1533; já lá vão portanto trezentos e setenta e cinco invernos. O que vale, é que n'estas velharias, quando boas, ha sempre novidades.

Dir-vos-hei o enrêdo. Vejamos.

Amadís, filho d'el-Rei Perião de Gaula, ama a Princeza Oriana, filha de Lisuarte, Rei da Gran-Bretanha. Em pequeninos brincaram juntos; depois, a vida do cavalleiro andante levou-o a longes terras, e perderam-se de vista, sem se perderem a affeição. Oriana é muito ciosa; o anão de Amadís (o *Iago* do drama) sem se saber bem para quê, urde uma intriga, e convence Oriana de que o seu namorado se fina de amor pela Princeza Briolanja, lá n'um castello não sei onde. Oriana quebra as relações com o supposto infiel; e este, despeitado, faz-se ermitão.

Basta isto; o mais, ir-se-ha vendo.

Ha indizível encanto em presencearem os ouvintes uma

representação, tal qual a viram seus nonos ou decimos avós. É reatar amisades velhas; ¿ não é assim?

Tinha mais que dizer, mas prefiro calar-me. Ouvi, e julgae. Por outra: escutae o grande Gil, e sêde indulgentes para a tentativa do seu intérprete traductor, e dos seus intérpretes actores.

Muito boa noite, amavel Público.

(Sai. Levanta-se logo o pano).

ACTO I

SCENA I

FIGURA O THEATRO UMA SALA, EM ESTYLO ROMANICO,
DOS PAÇOS DE AMADÍS. É MANHAN.

GALAOR, FLORESTÃO, e GANDALIM *em scena. Vem entrando AMADÍS acompanhado do seu ANÃO, o qual recebe d'elle o capacete, que Amadís tira, e a espada. Logo depois, a um gesto do amo, retira-se o Anão.*

AMADÍS (*depois de pequena pausa*)

Sabei vós, Dom Galaor,
Dom Florestão, meus irmãos,
que o verdadeiro louvor
filho é do nosso valor;
conquistam-n-o as nossas mãos.
Aguardar no leito a morte
é mui geral cobardia;
mas buscal-a noite e dia,
valentia.

A fama é a vida do forte.
¡ Ora sus, meus bons guerreiros!
seja a honra o amor da alma.

Tem a glória taes luzeiros,
que a briosos cavalleiros
só ella lhes traz a palma.

GALAOR

Amadís, é d'essa côr
este pano que me encerra,
que o mais somenos louvor
de fama e seu resplendor,
é melhor
que todo o oiro da terra.
E assim, foi determinado
o rabote aos carpinteiros,
aos lavradores o arado,
aos pastores o cajado,
e o montante aos cavalleiros;
ao forte, ser venturoso;
honra em barda ao arrojado;
ao guerreiro valoroso,
ser ditoso;
e ao cobarde, desgraçado.

FLORESTÃO

Fala bem: claro, e profundo.
Amadís, por mim vos digo
que, como heroe vagabundo,
me abalanço a correr mundo,
a ver que heroes tem consigo.
E não me delongo mais,
que os homens de pulso e mando
(como nos bem ajuisais),
esses taes
não descançam descançando.

Dever nos corre, e apertado,
 pois na mais santa união
 filhos somos de Perião
 de Gaula, padre exforçado,
 e de excelsa geração.
 Do sangue somos mandados
 a cometter claros feitos,
 e casos desesperados,
 que só dos altos estados
 se aguardam heroes perfeitos.

GANDALIM

Na leva tambem me irei
 ás entreprezas aonde ís;
 no escuro não quedarei;
 cumpre ver-vos, Amadís,
 e rastrear o que farei.
 Sim, comvosco hei-de ir-me á guerra,
 pois, a-segundo affirmais,
 se o nosso corpo se encerra
 sôb a terra;
 faz-nos a fama immortaes.

AMADÍS

Não vou só por glória insana,
 não me vou só por tal prêço,
 se não por servir a Oriana,
 a lindeza sobrehumana
 a cujo nome estremêço.
 Dou meu corpo á sorte crua,
 minh'alma a Oriana formosa;
 Oriana, minh'alma é tua,
 mais da Lua,
 que assim te criou donosa.

Entre as fráguas da peleja,
 nas terras que hei-de correr,
 bradarei: «Segura seja
 «a vida que só deseja
 «para Oriana viver».
 Vou-me presto á Gran-Bretanha
 ter com o soberbo Dardão,
 que aos paladins de Allemanha,
 e de França, e até de Hespanha,
 amedronta-os a sua mão.
 † Tem-me o louco ameaçado!
 Fanfarreador, mal se engana.
 † Triste d'elle assi enganado,
 que a só lembrança de Oriana
 já me as justas tem ganhado.
 Partir. Não mais. † Sus! em via.
 Cada qual siga o seu norte.

GALAOR (*resoluto*)

Eu ponho rôsto á Turquia.

FLORESTÃO (*indeciso*)

‡ Eu? nem sei. Só Deus me guia.
 Entreguei-lhe a minha sorte.

(*Saem. Muda de repente o scenario.*)

SCENA II

SALA NA CÔRTE D'EL-REI LISUARTE

LISUARTE, a RAINHA BRISENA, *ambos sentados n'uma especie de throno*; ORIANA, MABILIA, CORISANDA, DINAMARCA, URGANDA,

entretidas nos seus labores, sentadas no chão sobre o tapete;
D. DORIM em pé. Ao fundo estanceiam alguns musicos.

LISUARTE

Dom Dorim, tenho enviado
meus correios a saber
ao certo, quando ha-de ser
a guerra, que em meu reinado
sete Reis me hão-de mover.

DORIM (*inclinando-se*)

Senhor, será muito em bem.

(*Pausa*).

LISUARTE (*impaciente*)

O meu correio Arbindieta
não suspeito o que o detém.

(*Ouve-se uma corneta. Prestam todos ouvidos*).

DORIM (*apontando*)

Já me parece que ahí vem;
oiço-lhe ao longe a corneta.

SCENA III

OS MESMOS e ARBIDIETA, *que entra tocando, acompanhado de dois elegantes pagemsinhos do paço, que saudam el-Rei, e ficam ao fundo aos dois lados da porta. Arbindieta cessa de tocar, aproxima-se dos Soberanos, e corteja-os profundamente.*

LISUARTE (*alegre*)

Sejas embora chegado;
mas tardaste, todavia.

ARBINDIETA (*explicando*)

E mas, senhor, não dormia.
Barruntaram que era espia,
e estive... meio enforcado.

LISUARTE

Dize-me se veem, e quando;
sem detença e sem temor;
conta o melhor e o peor;
disfarçar lisonjeando
é doce de máu sabôr.
Inda que hajas de amargar,
fala claro e com despejo,
que o mentir por agradar
dá sempre farto logar
a coisas... que não desejo.

ARBINDIETA (*em tom solemne*)

Sete Reis mui principaes,
cada qual de senha terra,
com trombetas e atabaes,
e com seus pendões Reaes,
contra vós pregôam guerra.

Mais bravos que bravos toiros,
 mais sanhudos que leões,
 mais ousados que dragões,
 trazem, só no artigo Moiros,
 cento e trinta mil peões.
 Assim, que, senhor, atesto
 serem muitos seus guerreiros.
 Heis mistér grossos dinheiros,
 e bombardas, tudo presto,
 e peões, e cavalleiros.

(Vendo que Lisuarte ficou assombrado).

¿ Não vos praz este falar ?

LISUARTE *(meditando)*

¿ E ouviste por essas terras
 novas do «Donzel do mar» ?

ARBINDIETA

Senhor, sim, são de espantar
 suas justas, suas guerras,
 se as eu lograsse contar.

LISUARTE

¿ Das maiores o que sôa ?

ARBINDIETA *(desculpando-se)*

Não vos quizera enfadar...

LISUARTE

¡ Oh! que não. Doce é escutar
contos bons da gente boa.

ARBINDIETA (*resolvendo-se, passada pequena pausa*)

Depois que matou Dardão,
mui mal feriu a Arcaláus,
e a Angriote de Estraváus,
que o encarcerára o Soldão,
por seus feitos sempre máus,
na «Ilha firme» chamada.
Guerreiros, matou duzentos;
quebrou os encantamentos
a botes da sua espada,
que até força os elementos.
Matou os mantenedores
lá do «Arco forte» encantado
dito dos «firmes amores»,
e ahí se viu laureado
por maior d'entre os maiores.
Se Vossa Alteza comsigo
lograsse o «Donzel do mar»,
surgisse embora inimigo
o mundo... vosso perigo
era coisa de folgar.

(*N'isto, erguem-se subtilmente Oriana e Mabilia, falando
a meia-voz*).

ORIANA

Em quanto se praticar
em materia tão maninha,
¿ por que hei-de deter-me? Asinha
vou-me ao tanque do pomar
ver quantos peixes lá tinha.

LISUARTE (*attentando nas duas,
e dirigindo admirado a palavra a Oriana*)

¡ Quê! ¿ fugís de ouvir falar
em tão guápo cavalleiro,
vosso servidor primeiro?

ORIANA (*com modo affectadamente indifferente*)

Mais folgo de ir ver nadar
os peixes do meu viveiro.

(*Levantam-se as damas, desde que se levantou a Princeza.
Estabelece-se por isso uma certa confusão. Oriana aproveita-se
d'ella, para falar a meia-voz com Mabilia*).

Fazei signaes, eu vos rogo,
ao correio, homem prudente,
que chegue ao meu pomar logo,
signaes que os não veja a gente;
mil cautellas, que um tal fogo
deve arder secretamente.

(*Sai Oriana com Mabilia, tendo esta dilo baixo, e por
gestos, o que quer que seja ao Arbindieta*).

SCENA IV

OS PRECEDENTES, *menos* ORIANA e MABILIA.

LISUARTE (*meditando*)

¿ E em que tempo annunciavam
esses Reis sua chegada ?

ARBINDIETA

Tanta hoste lá chamavam,
que inda ao certo não marcavam
dia e mez á tal jornada.

LISUARTE

Não é da somma da gente
que pende a victoria, não,
senão só da devoção,
e de orar continuamente
toda a sagrada Paixão.

ARBINDIETA

Certo é; mas é de sabido
não curar só de orações.
Todo o cachorro atrevido
quer chicote, e quer zurzido;
nada de mais devoções.

LISUARTE

Proverei. A sorte é dura;
e mas, com ser apertada,
se a prudencia a não descura
não nos será tão danada,
que ao cabo não tenha cura.

DORIM (*adiantando-se*)

Senhor, já bem poderão
cear Vossas Majestades.

LISUARTE

¿ Sim? mas não sei que horas são.

DORIM

Nunca ao certo as horas dão
os relogios das cidades;
perderam seu entender;
n'elles tudo desconcorda.
Senhor, a meu parecer,
bom relogio é o comer,
se o apetite lhe dá corda.

(Levantam-se el-Rei Lisuarte e a Rainha Brisena. Rompem os pagens a marcha; seguem-se os musicos tangendo as suas violas de arco e as suas pippas; depois as Damas; depois os Soberanos, e Dorim no coice da procissão, que sai compassadamente pela porta do fundo. Cai o pano).

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO II

O pomar do paço d'el-Rei Lisuarte. Muitas laranjeiras, muita frescura, e muita sombra. Pleno dia.

SCENA I

ORIANA, MABILIA, e ARBINDIETA; *a primeira sentada junto ao tanque; os outros dois em pé.*

ORIANA (*inquirindo anciosa*)

¿ Vistes o «Donzel do mar»?

ARBINDIETA

Senhora, sim.

ORIANA

¿ Que fazia?

ARBINDIETA (*com emphase*)

Tudo quanto lhe aprazia.

ORIANA

Não falo do seu brigar;
contae-me só: ¿ que dizia?

ARBINDIETA

Como é guerreiro sem par,
 dos seus feitos era mudo.
 Sabe lidar, e calar;
 que os que blazonam de tudo
 são baldos no pelejar.
 Quando acezo á lide entrava,
 todo incendiado de amor
 não sei por quem suspirava;
 sei que não era temor
 o mal de que se queixava.
 E esquecendo, vencedor,
 a Divina Majestade
 que lhe insufflára valor,
 só dizia: «¡ Amor! ¡ saudade!
 «saudade do meu amor!»
 E por cimeira trazia
 um O com um mundo em si.
 ¡ Oh! ¡ quão bem que parecia!
 e um leteiro que dizia:
Todo é pouco para ti.

ORIANA

E esse O tomou-o, dizei,
 ¿ por quem? ¿ d'onde é que isso emana?

ARBINDIETA

Esse O tomou-o, que o sei,
 pelo nome de «Oriana».
 O mundo... não rastreei.

(Ficam em silencio alguns instantes. Oriana medita encostada á mão na borda do tanque. Arbíndieta, vendo concluido o collóquio, inclina-se, e afasta-se para o fundo, entreteendo-se a ver os peixinhos).

MABILIA *(contemplando algum tempo a Princeza, e intentando distrahil-a)*

¡ Tanta dôr por vós! Embora.
 ¿ E que tendes com tal dôr?
 Dos Romãos o Embaixadôr
 vos requer sem mais demora
 para o seu Imperadôr.
 Por vós, por vós se desvela
 Sua Sacra Majestade;
 e o que mais que tudo anhéla,
 é que a imperial dignidade
 lhe aceiteis, pois sois tão bella.

ORIANA *(erguendo-se)*

Mabilia, o «Donzel do mar»
 era meu no tempo antigo;
 se amor inda tem comsigo,
 e se Oriana o faz penar,
 eu quero-lhe como a amigo,
 e não mais. Mas o certo é
 que ás vezes, Mabilia, eu arço
 n'um confuso não-sei-quê;
 ausente, minh'alma o vê;
 porém calo-me, e disfarço.
 Quando outr'ora se abalou
 a buscar suas aventuras,
 fiquei como quem ficou

a sós, n'um êrmo, ás escuras,
 onde nunca luz raiou.
 ¿ São isto penas de amôr?
 é amisade; não temo.

MABILIA

Amisade com tal dôr
 é amôr; e em tanto extremo,
 que não logra ser maior.
 Amadís ama, e é amado.

ORIANA (*tapando-lhe a bôcca com a mão*)

¡ Oh! ¡ que o não sonhe, por Deus!

MABILIA

Se esse amor é decretado,
 ¿ quem se oppõe ás leis do Fado?
 ¿ quem vence os designios seus?

ORIANA (*com timidez*)

Não quer Deus ajustes taes.
 Que desgraças d'elles veem,
 sabem todos os mortaes;
 muito mal nasce do bem;
 muitas serpes, dos rosaes.
 E inda assim... bem me aprouvera
 que m'ò mandasses chamar.
 Em meu nome... não quizéra,
 que por vão tomar podéra
 o que anceio praticar.

MABILIA (*depois de chamar com um aceno o Arbindieta, e de escrever rapidamente uma carta, com uma penna que o proprio correio saca da carteira*)

Correio, cumpre que vades
pela posta, mui ligeiro,
entregar ao cavalleiro
esta carta que levades,
diligente mensageiro.
E quando o sol já trasmonte,
que venha em segrêdo aqui.
Ver-nos-ha mesmo defronte
d'aquella varanda, ali
no pomar, ao-pé da fonte.

(*Sai o correio*).

SCENA II

ORIANA e MABILIA *passando em silencio entre as árvores.*

ORIANA (*meditativa*)

E a «Ilha firme», no entretanto,
¿ é d'aqui longe? ¿ que pensas?

MABILIA

Trezentas léguas, se tanto.

ORIANA (*dolorosamente*)

Para mim tres mil, e immensas,
que vou regar com meu pranto.

(Saem ambas muito de vagar, sumindo-se entre as sombras do arvoredo. Cai o pano).

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO III

O mesmo pomar. Cai sôbre elle, da banda direita, uma janella do paço, com varanda de pedraria lavrada e rendilhada, entre heras que lhe formam cortina. Da varanda desce uma escadinha de poucos degraus até ao pomar. É noite.

SCENA I

AMADÍS vem entrando, a pé furtivo e cauteloso, observando. Acompanha-o o seu inseparavel Anão. Amadis tira o elmo, e entrega-o ao Anão, o qual, a um gesto do amo, se retira para o fundo, e desaparece, lançando um olhar odiento ao cavalleiro.

AMADÍS

Se por Eurydice Orpheu
tanta saudade sentia
quando aos infernos desceu,
n'esta funda horta sombria
; quanta dôr curtirei `eu!
Mas elle, ia buscar vida;
eu quiçá procuro morte.
Elle, sarava a ferida;
eu vérgo ao pêzo da sorte,
que me ha-de ser desabrida.

Por minha desventura
 quiz Oriana que o meu mal
 fosse a sua formosura,
 e a sua fronte Real
 facho em minha noite escura.
 Triste vivo, em vão bradando
 ao Ceo mil tristes queixumes;
 porvir negro receando,
 pungem-me agudos ciumes;
 desacompanhado me ando.

(Pausa).

¿ Que horas são ? não sei dizer.
 Se a carta me não engana,
 se a sorte não me empecer,
 tem de vir a doce Oriana
 quando a lua além romper.

(Pausa. Começa a pouco e pouco a raiar entre o arvoredor
 um formoso luar).

Sim ; deixar-me-hei de bravezas.
 Esquivações, desfavores,
 são prenuncios de certezas ;
 mas o comêço de amores
 alvorada de tristezas.

SCENA II

AMADÍS, e MABILIA, *que vem entrando, e o vê.*

MABILIA (*chegando-se-lhe*)

Senhor, antes de falar,
 certo é que me perdoais

ter-vos feito assim chamar,
sem por longe me lembrar
o atarefado que andais.

AMADÍS (*todo cortez*)

¡ Oh! não me peçais perdão;
nem tenho que dar-vos vénia;
missivas da vossa mão
todas as serras da Arménia
a vossos pés chamarão.
O alvo papel da cartinha
vem recordar-me a lindeza
da que foi minha rainha;
e a negra tinta, a incerteza
que me derruba e definha.

MABILIA (*com uma risadinha*)

Senhor, eu não sei latim.

AMADÍS

Nem eu sei palrar fingido,
nem já sei fiar de mim;
sei que o meu bem todo é ido,
e sei que me morro assim.
Sumiram-se os annos bellos;
¡ quantos anhélos defuntos!
padeço nos meus desvelos,
como quando dez martellos
na bigorna malham juntos.

N'um só dos meus pensamentos
peno duas mil feridas;
vivo em contínuos tormentos,
e pranteio duas vidas
em cada um dos meus lamentos.

MABILIA (*meio irónica*)

¿ São isso queixas de amores?
talvez; pois, se a caso o são,
sóis vós primaz de amadores:
vencedor de vencedores,
vencido do coração.

(*Dá outra risadinha*).

AMADÍS (*sentido*)

¿ E quê? ¿ não crêdes em mim?
¡ oh! ¡ que descrença cruel!
cresce o meu penar assim;
e das dôres o tropél
tem de matar-me por fim.
Porém, se em tal desalento
a vida foge e me deixa,
por de mais é meu lamento,
por de mais é minha queixa;
salvar-me-ha o acabamento.
¡ Oh, Mabilia! ¿ duvidais?
devora-me insano fôgo;
apiedae-vos dos meus ais;
não, não duvideis, vos rógo,
que em duvidar me matais.

MABILIA

Responda quem vos entenda,
que eu por mim não sei, não sei...
Tirae dos olhos a venda.

AMADÍS

¿ Como, e em quem, esperarei,
se o meu mal não logra emenda?
Colloquei tão alto a mira,
que temo não acertar;
o meu coração delira
nas fráguas de tanto amar,
que um doce objecto lhe inspira.
Minha dôr é já tão brava,
que toda a esp'rança morreu.
Só o esperar me animava.
Se tal vida se perdeu,
só a morte é que a destrava.

MABILIA (*com interesse*)

Dizei-me: ¿ e a dama quem é
que assim vos quita o pensar?

AMADÍS

Senhora, por minha fé,
quem a vida me observar,
d'onde veem meus males vê.

E se tenho de perdê-la,
excusados são gemidos,
e inutil toda a querella,
que a salvação dos perdidos
é deixar de esperar n'ella.
Mabilia, não sabeis, não,
todos os tormentos meus;
redemptoras penas são,
que hão-de servir junto a Deus
para a minha salvação.

MABILIA

¿ Responder-vos? não sei eu;
mas... não val desanimar;
segui o aviso, que é meu.

AMADÍS

¿ Como ha-de desesperar
quem toda a esp'rança perdeu?

MABILIA

Mas vamos: ¿ quem é a dama?
ler-vos-hei vosso porvir.

AMADÍS

Não direi como se chama,
pois quem me a vida inquirir
verá d'onde brota a chamma.

MABÍLIA

Supponhâmos que adivinho.
 Se o vosso amor é Oriana,
 prosegui vosso caminho,
 e a tão alta soberana
 dedicae todo o carinho.

AMADÍS

¿ Ao triste desventurado
 de que serve o aventurar-se ?
 ¿ Que monta qualquer disfarce
 ao que vive desamado,
 e não pode resignar-se ?
 Meus males, nobre senhora,
 n'est'alma um incendio são.
 ¡ Que refrigerio me fôra
 se lograsse estar um'hora
 onde os meus suspiros vão !

SCENA III

OS MESMOS e ORIANA, *que apparece inundada de luar no varandim.*

ORIANA (*obserrando, reparando em Mabilia,
 e falando consigo mesma a meia-voz*)

¿ Mabilia ? ¿ e com quem falava ?

MABILIA (*que a ouviu*)

Era com o «Donzel do mar».
 À pressa o mandei chamar,
 e veio; e a mim declarava
 ser todo ao vosso mandar.

ORIANA (*sem ver a Amadis, que está meio escondido
 na sombra*)

¿ Que lhe estavas requerendo?

MABILIA

¿ Eu? nada; requerei vós.

ORIANA

O que dizes não entendo.

MABILIA

¿ Pois não sentís uma voz
 a bradar: «porvir tremendo»?
 ¿ Não ouvistes o correio?

ORIANA (*indifferente*)

Sim, sim, nem já me lembrava.

MABILIA (*desanimada*)

Bem negras coisas receio.

ORIANA

O demo não é tão feio
como Apelles o pintava.

MABILIA

Veem trezentos mil peões,
seiscentos mil de cavallo,
sete Reis como leões;
e (¿ por que havemos negal-o?)
são-nos bem mistér varões.
E como o «Donzel do mar»
tem no mundo tal renome...

AMADÍS (*adiantando-se, e atalhando-a*)

Senhora, troquei o nome;
sou o «Mar do muito amar»,
e Amadís por sobrenome.

ORIANA (*um tanto ironica*)

¿ Sois? ¿ E quando assim mudou
vosso nome outr'ora usado?

AMADÍS

Dês que amor me avassallou.
Se em menino me tomou,
hoje traz-me derrubado.

MABILIA (*rindo*)

Pois se o vosso amor é fera,
fugi; colhereis a palma.

AMADÍS

¿ Fugir-lhe eu? ¡oh! ¡quem m'o dera!
Mas o amor, desde que impera,
só morre, se morre a alma.

MABILIA

¡ Valôr! que entre os exforçados
a flôr da farinha sois.
Não teem os Reis mais falados
como vós guerreiros dois,
nem os viram os passados.

AMADÍS (*com sorriso de galanteio*)

Tem mais alta primasia,
tem poder bem mais jocundo,
a que desbanca á porfia
cada hora e cada dia
todas as bellas do mundo.

ORIANA (*insidiosa*)

¿ Quem é (tomára saber)
a que vossa alma suspira?

AMADÍS (*com fogo*)

Senhora, podeil-a ver
quando no espelho se mira
esse olhar de endoidecer.
Ella está sempre onde estais ;
eu tenho da sorte o açoite.
Vossas graças são Reaes ;
vós a terra illuminais ;
eu vegeto em crua noite.
E, pois me cresce a tristura
no mal que me traz meu mal,
valha-me a vossa doçura,
e encontre eu o meu fanal
na luz de tal formosura.

ORIANA

¡ Oh! já passa de hardideza ;
Amadís, cautella, tento.

AMADÍS

Não me culpe Vossa Alteza ;
desculpe vossa lindeza
todo o meu atrevimento.
Só vós o alvedrío meu
para sempre me heis roubado ;
mas a esp'rança feneceu ;
môrto é vosso bom agrado,
môrto primeiro do que eu.

ORIANA (*com seccura*)

¡ Os vossos leaes sentidos
eram d'antes tão suaves!
mas sei que vão destruidos;
vou pois cerrar meus ouvidos
para sempre a sete chaves.

AMADÍS

¿ E por quê?!...

ORIANA (*com certo affecto*)

Porque me aterra
pensar... ¿ Quem é que me diz
que entre os desmandos da guerra
ficasse o antigo Amadís
qual se abalou d'esta terra?

AMADÍS (*indignado*)

¡ Oh!...

ORIANA

¿ Lembrais-vos quando outr'ora
me amaveis em tamanina?

AMADÍS (*com muita doçura*)

¡ Se me lembro! era uma aurora
a vossa face divina
a allumiar-me.

ORIANA (*triste*)

¡ Oh! e agora...
recordo o passado inteiro,
e sinto um susto profundo.

AMADÍS (*aproximando-se á varanda*)

¿ Mas de quê?

ORIANA

Sois cavalleiro,
correis as partes do mundo,
e entre nós sois forasteiro.

AMADÍS

¿ Eu?!...

ORIANA

Sim, vós. ¡ Quanta formosa
por todo esse orbe de Christo,
quanta Princeza donosa,
quantos amores heis visto
n'essa faina aventureosa!...

AMADÍS

Mas, Oriana...

ORIANA

Os meus queixumes
 brotam-me dos seios d'alma,
 escaldam-me como lumes;
 esta dôr, que nada acalma,
 ¿ sabeis? chama-se os ciúmes.

AMADÍS

Injusto desconfiar.
 Se em longes terras me andava,
 a vós todo o meu pensar
 de noite e dia adejava
 no velar e no sonhar.

(Vendo que Oriana faz uma leve menção de se retirar da varanda).

¿ Oh! meu doce amor sincero,
 não, não me fujais assim.
 Este muito que vos quero
 tão puro nasceu em mim,
 que de vós eu nada espero.

ORIANA *(tímida e medrosa)*

Mabilia, sem mais detença
 saiâmos d'este logar.

MABILIA

Eu vos rogo sem offensa:
 ide vós, a alliviar
 a dôr que vos traz suspensa.

AMADÍS (*percebendo que Oriana se dispõe outra vez a sair da varanda*)

Visto que assim nos deixais,
por Deus voŝ rogo, senhora,
vêde se por mim orais
a vós mesma, n'algum'hora
em que mais branda estejais.

ORIANA (*entendendo a ironia*)

Sois cada vez mais ousado.

MABILIA (*baixo a Amadís*)

Não lhe respondais, senhor.

AMADÍS (*alto*)

Respondo: são leis do Fado
que todo o amor desgraçado
queira muito á sua dôr.

(*Sai Oriana da varanda, e recolhe-se*).

SCENA IV

AMADÍS e MABILIA.

AMADÍS (*proseguindo as suas lástimas*)

Vida minha descontente,
resigna-te ao teu penar.

Minha senhora consente
que se acabe de finir
quem morria lentamente.

MABILIA (*para o animar*)

Senhor, eu vos contarei
aquesta verdade agora,
mas segrêdo promettei:
Oriana vos adora
mais do que no mundo é lei.
Seus receios, seu pudôr,
sua modestia e bondade,
sua fama e honestidade,
dão-lhe aquelle ar de rancôr;
mas (posso vol-o afirmar)
ella, é ella quem vos chama
para vos ver e escutar;
e ao cabo... tão alta dama
não ousa sequer mostrar
quanto vos quer e vos ama.

AMADÍS

¿Mas por que se não atreve?
dá comigo na profunda.

MABILIA

Por ser muito pudibunda.

AMADÍS

Se acha obstáculo tão leve,
em pouco esse amor se funda.

MABILIA

Sim, vosso espanto adivinho;
 mas (minha voz o assevéra)
 lograis todo o seu carinho.
 Amor de tão alta esphera
 nunca pode ser mesquinho.
 A aquella mimosa flor
 é disfarce esta esquivança;
 e crêde n'isto, senhor,
 a vós, só, desde criança
 dedica sincero ardôr.
 Oriana é toda amôres,
 qual vós todo valentia;
 em desprêzos e rancôres
 ella occulta a sympathia,
 como entre espinhos as flôres;
 a feminina meiguice,
 some-a a drêde entre os abrólhos;
 mas ficae no que vos disse:
 sois vós desde a meninice
 a menina dos seus olhos.

AMADIS (*amargamente incrédulo*)

Vou-me com esta paixão,
 que não cessa nem descança.
 ; Oh! nunca. O meu coração
 vive orphanado de esp'rança,
 e morre de solidão.

(Sai Amadis triste e a passos lentos. Volta o Anão, que sai logo com elle. Mabilia, de pé no meio do theatro, segue-o

com os olhos até elle se sumir na sombra do arvoredo. Longo silencio).

SCENA V

MABILIA em scena. ORIANA assoma-se outra vez no varandim. Vendo Mabilia sosinha, desce os degraus com certa ansiedade, e chega junto d'ella.

ORIANA (*timida e nervosa*)

Mabilia, ¿ Amadís partiu?

MABILIA (*com intenção*)

Sim. Dizei-me: ¿ e se fugisse?

ORIANA

¿ Quando volta? ¿ Quê! ¿ fugiu?!?!...

MABILIA

Quando volta não o disse;
mas bem tristonho sahiu.
¿ Oh! Vossa Alteza avalia
as ancias d'elle, a sua dôr.
Talvez se arrependa um dia...

ORIANA

Tudo é dôr, tudo agonia,
nas fráguas do muito amor.

Mabilia, se o offendi,
 contra mim propria pequei;
 se o reprendi, não errei;
 se saudosa lhe fugi,
 com meus prantos o paguei.
 Mas... (bem o ouviste) eram taes
 as suas lástimas, censuras
 tão acérbas, tão fataes,
 que, filha, ouvidos Reaes
 não soffrem tantas loucuras.

MABILIA (*descobrimdo o jôgo*)

¡ Oh! não m'ó leveis a mal:
 mas fui eu quem vosso amor
 lhe revelei; por signal,
 disse-lhe tambem: «Senhor,
 sêde-lhe sempre leal».

ORIANA (*enternecida*)

¿ E elle?...

MABILIA

Rompeu assim,
 e a chorar: «Todos os riscos
 «por ella provoco alfim;
 «venham raios e coriscos,
 «Oriana é para mim».

ORIANA (*encantada, e pegando na mão de Mabilia*)

¿ Sim? tenho esperança ainda.
¿ Vês? ¿ que formoso luar!
Mabilia, anda passear
por esta noite tão linda
nas sombras do meu pomar.

(*Vão-se ambas afastando, e conversando por gestos até ao fundo, onde desaparecem. Cai o pano.*)

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO IV

OUTRA VEZ A SALA DO PAÇO D'EL-REI LISUARTE.

SCENA I

O ANÃO só

(Ao levantar-se o pano, está o Anão em scena, passeando de lado a lado, e falando, com ar e ademanes de vaidoso).

Todo o homem formoso e lesto
como eu (¡ seja Deus louvado!)

(Tira o gôrro, e torna-o a pôr).

ha-de formar o protesto
de nunca ser namorado.
Eu, amor... trato-o de resto.
¡ Qual dona, fidalga, infanta!
nenhuma chega ao que eu sou;
nenhuma fêmea me encanta;
tudo cabeças de grou.
Só... se fôr alguma Santa.
Se alguém pois saber quizer
o que move este meu passo,
oiça: não é por mulher
que entro aos salões d'este paço,
pois d'ellas não hei mistér.

*

Quero luzir, ter valia,
 ser grande. Com Amadís,
 a quem outr'ora servia,
 tinha a vida em dois seitis,
 e sempre a bolsa vazia.
 Elle, por uns olhos bellos,
 arrostava com gigantes,
 com cavalleiros andantes,
 e conquistava castellos;
 e eu cá... tudo como d'antes.
 Um simples «Donzel do mar»
 já sonha a mão de Princezas;
 ¡e só eu, com tão bom ar,
 tal rôsto, e taes expertezas
 em terra me hei-de ficar!!...
 ¿Guerras? ¿ brigas? ! que quezilia!
 nada, nada; quero paz.
 Eis-me aqui pois em familia.
 E d'ahi... talvez Mabilia

(Com modos de grande fatuidade).

se agrade cá do rapaz.

SCENA II

O MESMO, e mais ORIANA e MABILIA, que veem entrando na sala, e reparam n'elle, que tem dado uma volta até ao fundo.

ORIANA *(baixo a Mabilia)*

Mabilia, (¡ acaso feliz!)
 ¿ não é o Anão?

MABILIA (*affirmando-se*)

É, de certo.

ORIANA

Pois quero ouvir o que diz;
vou confessar este experto.

(*Chama-o com um aceno; elle aproxima-se*).

¿ Onde deixaste Amadís ?

Ô ANÃO (*maligno, irónico, e mostrando bem
que está mentindo*)

Deixei-o com uma Princeza,
por quem Amadís se fina.
É linda, a Real Menina,
flôr de toda a gentileza,
feita de oiro e pedra fina.
No seu castello roqueiro
deu-lhe ella alvo palafrem,
mais um montante de aceiro;
e elle jurado lhe tem
ser sempre seu cavalleiro.
Quando elle foge á saudosa,
ardentes prantos derrama;
ella suspira chorosa...

ORIANA (*trémula*)

Dize: ¿ e como é que se chama ?

O ANÃO

Briolanja, a mui formosa.

(O Anão, passeando sempre com os seus ademanos fátuos, desaparece rindo á socapa, e saracoteando-se).

SCENA III

ORIANA e MABILIA.

ORIANA *(a Mabilia, depois de pausa)*

Vae-te; deixa-me sosinha;
depois volverás a cá.
; Forte desventura a minha!

(Enxuga lagrimas).

MABILIA *(querendo animal-a)*

O coração m'ó adivinha:
tudo em nada ficará.

ORIANA *(tristissima)*

; Oh! não me consoles, não.
Quero cevar minhas dôres,
fartar a minha afflicção
nos saudosos amargôres
que enlutam meu coração.

E assim, chorosa e perdida,
 a mim propria contarei,
 lacrimosa e dolorida,
 a negra morte que achei
 onde pensava achar vida.

(Sai Mabilia. Oriana senta-se acabrunhada).

SCENA IV

ORIANA só

¡ Ai! ¡ que doloroso aneio!
 ¡ que tristeza que em mim lavra!
 ¿ Amadís por galanteio
 daria a sua palavra,
 por leviandade? sim, creio.

(Levanta-se).

Creio-o, sim, que os homens são
 namorados e ligeiros.

(Transição).

Mas... filho d'el-Rei Perião
 tem de ser dos verdadeiros
 em assumptos de affeição.

(Desanimada).

¿ E quem me diz que o ha-de ser?
 ¿ Não é o mundo um engano?
 ¡ Quantas vezes, sem querer,
 tem o coração humano
 mentido ao seu proprio ser!

(Recobrando animo).

Mas não; tenho inda esperança;
 é bem firme o amor primeiro;
 e Amadís, desde criança,
 com toda a infantil confiança
 foi sempre meu todo inteiro.

(Tornando a desanimar).

Por outra parte... esse Anão
 falou-me talvez verdade;
 em coisas do coração
 o homem busca a variedade,
 e a rasão foge á rasão.

(Em tom de grande confiança no futuro).

¡ Oh! ¡ mas quiçá, no lembrar-se
 dos nossos passados dias,
 Amadís, e ao recordar-se
 das puerís alegrias,
 ha-de algum dia tornar-se!
 Sim, que ha-de tornar. Mentindo
 estava o falso do Anão.

(Com desanimação subita).

¡ Ai! não estava: presentindo
 estou perpétua a paixão,
 e o meu desespêro infindo.
 É tudo isto verdadeiro,
 porque ausencia aparta amor.
 ¡ Oh! ¡ trahidor cavalleiro!
 ¡ cavalleiro trahidor!
 ¡ Quem o soubéra primeiro!!...

(Resolve-se a escrever a Amadís. Senta-se á meza, e muito nervosa pega na penna).

Vou escrever-lhe.

(Escreve, ao mesmo tempo que vai falando).

¡ Que inhumano!
 ¡ que proceder sem piedade!
 vou mandar-lhe o desgano,
 e hei-de afogar a saudade
 nas ondas do mar Oceano.

SCENA V

A PRECEDENTE, e DORIM, *que vem entrando, e que ao ver a Princesa se detem, e se prepara para retirar-se pé ante pé, respeitosamente.*

ORIANA *(continuando a escrever, e a exhalar as suas queixas, sem dar por Dorim)*

Todo o amor que me devora,
 tão firme, puro, espontâneo,
 toda a saudade de outr'ora...
 ha-de o mar Mediterrâneo
 sepultal-os desde agora.

(Avista Dorim, chama-o com o gesto, ao mesmo tempo que fecha a carta, e lh'a entrega).

Dorim, vae, por gran fineza,
 á «Ilha firme» n'um baixel,
 e áquelle homem sem firmeza
 entrega aqieste papel,
 que engendrei de furia aceza.

Nem lhe dêis o acatamento
que a todo o Infante é devido,
porque Infante fementido
é torre sem fundamento,
é castello derruido.

*(Sai Dorim. Oriana recai sentada junto á meza com a
frente nas mãos. Desce o pano muito de vagar).*

FIM DO QUARTO ACTO.

ACTO V

Vista de campo á beira do mar. No 3.º plano á esquerda, sôbre um montículo uma capellinha pittoresca sombreada de heras, com uma casita muito humilde junto d'ella. Arvores grandes no 1.º plano.

SCENA I

AMADÍS e DORIM.

AMADÍS (*aniquilado de mágua, acabando de ler
a carta de Oriana*)

¿ A Princeza preciosa
deu-te esta carta, Dorim?

DORIM

Ella mesma.

AMADÍS

¿ ¡ Para mim! ?...

DORIM

Para vós; mas tão irosa,
que nunca a topei assim.

AMADÍS (*cheio de amargura, cahindo sentado n'uma rocha,
e com a carta entre as mãos*)

¡ Oh! ¡ Amadís destruido!
¿ Odiado, que farei?
¡ Ai! ¡ quanto andava illudido!
A linda Oriana amei...
e este amor, ¡ eil-o esvahido!!...
Ó Morte, ¿ o que te detem?
vem, vem, que a esperança é morta.
¿ Que resta de tanto bem?
nada; eu só, de porta em porta,
a arrastar-me mundo além.

*(Levanta-se impetuosamente guardando a carta. Dorim,
de braços cruzados, a certa distancia, contempla-o com muito
interesse e muito dó. Amadís continuía):*

O meu viver, vou trocal-o;
quero só servir a Deus;
o meu ser, aniquilal-o.
Minhas armas, meu cavallo,
¡ adeus! ¡ para sempre adeus!

(Deslça a espada, contempla-a, e atira-a ao chão).

Minha espada, vae-te embora,
companheira tão querida
nas rijas lutas de outr'ora;
vais ser quebrada, e fundida
no fôgo que me devora.

(Tira da cinta o punhal, contempla-o e arroja-o).

Meu punhal, que esta cintura
 esmaltavas, sempre forte
 em cada ousada aventura,
 um raio em tróços te corte,
 como a mim a desventura.

(Tira o capacete, contempla-o e arroja-o).

E tu, meu elmo de Rei,
 com tua nobre cimeira,
 que por Oriana tomei
 quando me era a vida inteira,
 sôb os pés te amolgarei.

(Faz menção de pisar o elmo. Depois, vai arrancando o arnez, etc., e atirando tudo ao chão).

Vós, arnez, grêvas, plastrão,
 no mar Indio vos sumais,
 que é môrto o meu coração,
 e as glórias não voltam, não,
 ; nunca mais! ; oh! ; nunca mais!
 Minhas armas, tão leaes
 nos recontros de algum dia,
 vós, que sempre serviçaes
 me ereis glória e companhia,
 ide ás covas infernaes.

DORIM *(pesaroso, adiantando-se)*

Se eu suspeitára, senhor,
 a vossa afflicção profunda,

não fôra eu portador
d'essa carta furibunda,
que assim acorda tal dôr.

(Ficam ambos cabisbaixos; Amadis com a fronte escondida entre as mãos).

SCENA II

Desde que Amadis começou a sua fala, viu-se na pequenina capella, ao fundo do theatro, assomar á porta um ERMITÃO, observar muito condoído o triste guerreiro, e a pouco e pouco aproximar-se d'elle com modo compassivo e grave.

O ERMITÃO

¡ Seja louvado Jesus!

AMADIS *(inclinando-se respeitoso)*

Para sempre, Padre honrado.

O ERMITÃO *(com muito carinho)*

É pesada a vossa cruz,
conforme tenho observado;
mas ¡ cobrae ânimo! ¡ sus!

AMADIS *(abraçado ao Ermitão)*

¡ Oh, meu Padre! ¡ quão serena
corre no humilde ermitério
a vossa vida terrena,
livre do amoroso império,
que nos avilta e envenena!

E, pois que assim me entendeis
 no meu amargôr sem fundo,
 asylo aqui me dareis,
 vós, que alheado viveis
 ás tormentas d'este mundo.

O ERMITÃO (*admirado*)

¿ E quereis ser ermitão?!!

AMADÍS

Desejo isso mais que tudo.
 O mundo é perverso e vão,
 um mar a rugir sanhudo,
 um horror de solidão.

O ERMITÃO

Cavalleiro, tomae tento:
 nossa vida solitaria
 é continuado tormento;
 a abnegação é diária;
 é eterno o apartamento.

AMADÍS

¿ Falais assim, vós, liberto
 dos mundanaes amargôres,
 vós, feliz, que em tal deserto
 não conheceis dos amôres
 o perpétuo desconcêrto?!!...

O ERMITÃO

Sim, falo. Aqui a vontade
geme prêza, jaz captiva.
Aqui, reina a soledade,
onde a vossa mocidade
impossivel é que viva.
; Ha quem acoime de ociosa
esta vida de ermitão!
Pois é rude e trabalhosa;
nossa faina mais penosa
é calar o coração.
Nos êrmos que nos rodeiam,
mil oppostos pensamentos
sem cessar nos alanceiam;
quando tristes, dão lamentos;
quando alegres, afogueiam.
Rugem contra a penitencia
os tres inimigos d'alma;
e a braços com a consciencia,
em fúria que nada acalma
conspurcam-nos a innocencia.
Desabafar não podemos
nosso mal com voz amiga;
a nós proprios nos tememos;
enfim: deixae que vos diga:
não sois para taes extremos.

AMADÍS

; Oh! não me julgueis assim,
bom Padre. Eu busco logar,

onde logre achar alfim
 remédio a tanto penar:
 o esquecimento de mim.
 Renégo as glórias da sorte;
 mais quero á humilde estamenha;
 este deserto é meu norte;
 e ¡oxalá bemvinda a Morte
 despenar-me, e presto, venha!

O ERMITÃO (*solemne, depois de ter dito o que quer que seja
 a um leigo, que sahiu por acaso da ermida*)

Pois bem: se o quereis assim,
 vestí meu triste burél;
 e, esquecendo o paladim,
 erguei-vos, nobre donzel,
 ás glórias que não teem fim.

(*Ajudado do Ermitão, veste Amadís um hábito fradesco
 trazido pelo leigo. Dorim, entretanto, vai apanhar as armas,
 e as depõe juntas sôbre um penedo. Quando Amadís acaba
 de se entrajar, ajoelha. O Ermitão, pondo-lhe as mãos sôbre
 a cabeça, abençôa-o olhando para o Ceo*).

Desparece o homem de outr'ora
 para o mundo, e para vós.
 Aqui só se espera e se ora.
 Morreu Amadís n'est'hora,
 e nasceu Beltenebrós.

AMADÍS (*com a carta de Oriana entre as mãos,
 erguendo-se em pé*)

¡ Adeus! ¡ para sempre adeus!
 ¡ adeus para sempre, Oriana!

Só por Vós deixo, ó meu Deus,
 a mais linda soberana
 que viram os olhos meus.
 Sosinho no mundo estou.
 Oriana de mim se aparta.
 Nosso amor assassinou
 ao traçar esta vil carta.

(Amarrota-a).

Seja. Amadís já não sou.

(Fica sepultado na mais amarga melancolia. Depois de pequena pausa, tenta Dorim animal-o).

DORIM *(que esteve de braços cruzados,
 como meditando, aproxima-se)*

Pois bem; mas Vossa Mercê
 responda-lhe; a confundil-a.

AMADÍS *(impetuosamente)*

¿ Eu? ¿ eu responder-lhe? ¿ e quê?

DORIM

Senhor, a desilludil-a;
 a mostrar sua má fé.

AMADÍS

¿ E a ostentar meu padecer?
 ¿ e a supplicar-lhe confôrto?!

Não; far-me-hia escarnecer.
 Dom Dorim, eu sou um môrto;
 môrtos não sabem escrever.
 N'estes ermos esquecidos
 enterrei as illusões.
 Não penetram sons queridos
 a tão silvestres soidões,
 nem d'ellas saem gemidos.

(*Pausa*).

DORIM

Com isto que ora passou,
 me parto assombrado e mudo.
 E no emtanto, por miudo
 contar o caso me vou
 á causadora de tudo.

AMADÍS (*detendo-o com o gesto*)

Mas nem sonhe a que me insulta
 o sitio da estreita jaula
 que o meu passado sepulta.
 Em Beltenebrós se occulta
 o antigo Amadís de Gaula.

DORIM

É mesmo de entontecer
 ver as mudanças da sorte.
 ; Como Deus fez a mulher
 tão fraca... e a final tão forte,
 que é de um homem se benzer!

*

Nobre Amadís tão luzido,
 flôr de fidalgos donzéis,
 vosso exfôrço cil-o vencido;
 e o traíçoeiro de Cupido
 dá-vos um êrmo, e uns buréis.
 Chegáveis, á vossa voz
 derruiam-se muralhas;
 tudo vos ficava em póz;
 dos heroes de cem batalhas
 o vencedor ereis vós.
 ¿ Que resta de tanta lida,
 de tão nobre pelejar?
 a ruina de uma vida,
 e um ermitão n'uma ermida
 perdida á beira do mar.

(Abraçam-se, e sai Dorim. Amadís fica pensativo, em quanto Dorim é visto dirigir-se para a praia, desapparecendo ao longe, como que a chamar pôr barco).

SCENA III

AMADÍS e o ERMITÃO, *calados algum tempo.*

O ERMITÃO *(chegando-se a Amadís)*

Meu noviço, o teu tormento
 é grande. Emtanto, a oração
 é bemvinda em tal momento.
 Nas agruras da paixão,
 só o orar infunde alento.
 Tentações de Satanaz,
 e miragens dos sentidos,
 é o que o tempo nos traz.

Orarás e chorarás
entre suspiros perdidos.
Os peccados que são teus,
vê se attentamente os contas;
os teus pesares, e os meus,
ao resar por estas contas
hão-de alliviar-se em Deus.

(Entrega a Amadís um rosario, que elle recusa).

AMADÍS (*amargo*)

Inutil fôra resar
taes contas ponto por ponto,
pois tantas tenho que dar,
que ficavam por pagar
as minhas contas sem conto.
As de Oriana, essas sim,
essas gravam-lhe a consciencia;
são crimes que não teem fim;
amargurou-me a existencia,
e vilipendiou-me a mim.

O ERMITÃO

São os espinhos da vida,
só tecida de afflicção.
Mas vamos, vamos á lida;
deixando a nossa guarida
has-de ir mendigar, irmão.

AMADÍS

¿ Mendigar de porta em porta,
ao frio, ao sol? tudo aceito;

irei. ; Mendigar que importa?
mendiguei ventura a eito,
e achei a ventura morta.

O ERMITÃO

; Valor! ; valor! ; Triste mundo!
; val de prantos sem abrigo!
; Oceano bravo e sem fundo!

AMADIS (*resignado*)

Comvosco ir-me-hei vagabundo.

O ERMITÃO

E eu, noviço, irei contigo.

(*Saem ambos vagarosamente, de bordões em punho e sacólas ao hombro*).

SCENA IV

Outra vez o pomar de ORIANA. É dia.

ORIANA, MABILIA, e DORIM, *que entra*.

ORIANA (*impaciente*)

; Déstes a carta, Dorim,
ao tal ruim embusteiro?

DORIM (*inclinando-se*)

Senhora, entreguei-lh'a, sim;
mas crêde: não é ruim;
é um leal cavalleiro.

Deixais-vos tomar da ira;
 julgais de leve; isso é máu;
 o odio é quem vos inspira;
 contra a vossa paz conspira
 a perfidia de um maráu.

ORIANA (*espantada*)

¿ E é Dom Dorim quem m'o diz?!

DORIM

Sou. Mentiu-vos esse anão.
 Vós, cruel, inda arguís
 o desgraçado Amadís,
 e desvairais-lhe a rasão.

MABILIA (*aproximando-se, muito sentida, de Oriana*)

Senhora, ¿ eu não vos dizia
 que tudo daría em nada?
 Senhora, ¿ não vos pedia
 calasseis a phantasia,
 e fôsseis mais moderada?

ORIANA (*desculpando-se*)

O amor é louco e insoffrido.

MABILIA

Mas... ¿ por que é tomar a peito
 o que não deve ser crido?

ORIANA

Té o mal não succedido
 justo é dal-o por já feito.
 Não ha tão zeloso amôr
 como o amor quando é profundo;
 o ciume é tentadôr;
 sem zêlos torna-se o mundo
 um lethargo semsabôr.
 Temer sempre é o natural
 do amôr; suspeito e triste
 alimenta-se do mal;
 vê claro o que não existe,
 e repelle o que é real.

MABILIA (*a Dorim*)

E ao ler a carta, Dorim,
 ¿ Amadís que é que dizia ?

DORIM

Não me pergunteis a mim,
 senão só o que fazia.
 Chorava um pranto sem fim.
 Bradou: «¿ Mundo de illusão!»
 Quitou as armas n'um pronto,
 arremeçou-as ao chão,
 e entre lagrimas sem conto
 Amadís fez-se ermitão.
 Alquebrado em seu burel,
 ninguem no frade mendigo
 suspeita o nobre donzel.

Lembra tanto o heroe antigo,
como eu o Anjo Gabriel.

(Pucha pela pera comicamente).

Não, não vos posso contar
que horrendos casos tocou,
porque se os fosse narrar,
verieis a soluçar
heroe que nunca chorou.
Se topásseis o infeliz,
tão funesto e descorado,
sósinho entre uns alcantís,
conhecêreis quão mudado
fica o brilhante Amadis.

ORIANA *(aniquilada, meditando, e despedindo suavemente
a Dorim).*

¡ O Anão!... ¡ Tenebroso enrêdo!
Dou-vos, Dorim, muitas graças.
Hei-de vingar-me do trêdo.
¡ Irreparaveis desgraças!
Pois bem; mas guardae segrêdo.

(Dorim inclina-se, beija a mão que Oriana lhe estende, e sai).

SCENA V

ORIANA e MABILIA.

ORIANA *(acercando-se affectuosamente de Mabilia)*

Mabilia, o meu coração
lateja em ancia mortal.

Vejo-me em tal confusão,
que pressinto que a paixão
vai ser para os dois fatal.

(Debulha-se em lagrimas).

MABILIA *(consolando-a com muito carinho,
e enlaçando n'ella os braços respeitosa)*

¡ Oh! não vos quero a chorar;
não choreis. Senhora, emtanto,
ha-de o infortunio cançar.
Para os desgostos do amar
é fraco remédio o pranto.

ORIANA *(continuando a chorar)*

¿ Não chorar?! Por ambos choro:
por Amadís e por mim;
mil amarguras devoro;
e esse infeliz, que hoje adoro,
fui eu que o matei, por fim.

MABILIA *(carinhosa)*

Remediae o mal feito.

ORIANA

¿ Como?!...

MABILIA *(com autoridade amiga)*

Opino que escrevais.
Arrancae do íntimo peito
umas desculpas leaes,
e mandae-lh'as como preito.

Enviae lá Dinamarca,
 segredeira a mais não ser,
 e mulher de grande marca;
 abale-se n'uma barca,
 e tudo lhe vá dizer;
 mas présto; a ausencia avoluma
 as calumnias da injustiça;
 présto, présto; que se suma,
 porque o tempo não costuma
 ajudar ao que o esperdiça.

ORIANA (*animada um pouco*)

Sim; vamos tudo arranjar.
 Vou escrever. O que eu queria,
 ¿sabes? era ir sepultar
 o pejo e a melancolia
 sôb as areias do mar.

(*Saem ambas apressadas.*)

SCENA VI

Outra vez a praia junto á ermida em frente do mar. A esquerda, no 1.º plano, vê-se (segundo já ficou indicado) uma espessura de antigas árvores, com ramaria muito copada.

AMADIS e o ERMITÃO

Vêm ambos entrando, com as sacólas cheias de esmolas em generos; depõem-n-as no chão.

O ERMITÃO

Guardar bem toda a offerenda,
que ha mil ratos roedores
na nossa pobre vivenda.

AMADÍS

D'elles guarde eu a fazenda,
como me guardo de amores.

O ERMITÃO (*entregando uma vassoira a Amadís*)

Toma esta vassoira, irmão,
e vae varrer a poisada.

(*Vendo que Amadís brande no ar a vassoira, fazendo botes e molinetes*).

¿Por que ergueste o braço e a mão?

AMADÍS

Perdão, Padre Guardião,
julguei que empunhava a espada.

(*Continúa a fazer passes de esgrima com a vassoira, muito entusiasmado, e com grande pasmo do Ermitão, que o olha boquiaberto com a maior bonhomia. Depois interrompe o exercicio, e atira a vassoira ao chão*).

SCENA VII

OS MESMOS e CORISANDA

Vê-se chegar de vagarinho uma vistosa barca á vella, cheia de lindas raparigas, algumas das quaes veem cantando uma melodiosa ensoada. Pára a barca, lança-se de lá uma ponte, e salta na praia a esbelta Corisanda; seguem-n-a as donzellas.

CORISANDA (*dirigindo-se ao Ermitão*)

Meu Padre, eu sou Corisanda
(talvez nomear me ouvistes).
Cheia de cuidados tristes
ando em teimosa demanda,
qual nunca no mundo a vistes.
Determinei-me em sahir
da náu, porque o mar vai forte,
e queria aqui dormir,
pois me sinto consumir
de mui namorada morte.

O ERMITÃO (*contemplando o rico traje
e a nobre figura de Corisanda*)

Se vindes morta de amores,
esse tal por quem morreis
é quiçá de altos senhores.

CORISANDA (*amuindo*)

Florestão; filho de Reis;
cavalleiro, e dos melhores;
raça do nobre Perião,
e irmão do grande Amadís.

(Amadís, ouvindo isto, estremece debaixo do seu capuz pendido sobre o rosto, mas contém-se. O Ermitão permanece impassivel. Corisanda continúa).

Deixae-nos, santo Ermitão,
dormir onde vós dormís,
eu e este rancho loução.
São confôrto e companhia
da minha negra existencia;
sua doce melodia,
seu palrar todo innocencia,
é quem me infunde alegria.
Quando em turvos pensamentos
meu ser todo se afadiga,
tangem nos seus instrumentos,
e ao sabor de uma cantiga
adormecem meus tormentos.

O ERMITÃO

Duas casitas, mais não,
ha n'este humilde ermiterio:
n'aquella habita este irmão,
n'esta vivo eu; cemiterio
de vivos ambas o são.

AMADÍS (*adiantando-se*)

Padre, dae-lhe a minha embora,
se a quer Sua Senhoria;
eu dormirei cá por fora;
sim... conheço e conhecia
o mal que padece agora.

CORISANDA (*fitando os olhos em Amadís sobre-saltada*)

Irmão, ¿ como é vosso nome?

AMADÍS (*muito sério*)

Chamo-me Beltenebrós.

CORISANDA (*indecisa*)

A voz... o rosto... lembrou-me
certo heroe de alto renome:
Amadís; mas... não sois vós.

AMADÍS (*seccamente*)

Não sou.

CORISANDA (*sempre com a pedra no sapato*)

Contae-me: ¿ E d'el-Rei
Lisuarte, ou sua familia,
tratastes alguém?

AMADÍS

Tratei
Urganda, tratei Mabilia...

CORISANDA

¿ E sabeis, irmão, dizei,
onde os filhos de Perião
se encontram a caso agora?

AMADÍS

Sim; na Gran-Bretanha estão,
segundo se crê n'est'hora,
Galaor e Florestão.

CORISANDA

¿ E Amadís?

AMADÍS

Esse acabou.
Inda esta noite eu sonhava
que n'um ermo se enterrou;
d'esta vida se finava,
e Oriana é que o matou.

CORISANDA (*delirando de saudade*)

Meu Florestão, ¿ onde estais?
¿ onde estou eu Corisanda?

(*Olha para o mar*).

Vós, ondas que assi espumais,
da minha fortuna infanda
sois imagens mui reaes.

(Volta-se para as donzellas).

E vós, lindas companheiras
dos transe do meu penar,
vós, suaves cantadeiras,
embalae minhas cancelas
ao som do vosso cantar.

(Cantam ao som dos sistros e violas as donzellas de Corisanda umas, arrastadas melodias, no estylo velho das nossas canções populares).

UMA VOZ

Nós somos a companhia
da formosa Corisanda
na cruel melancolia,
no longo martyrio em que anda.

CÔRO

Seus saudosos amargôres
sabemos adormentar.
Somos irmans dos Amôres,
somos as filhas do Mar.

A voz

A musica tem na vida
um condão que nos acalma:
fortalece a alma dorída,
e diz: «Resigna-te, ó alma».

Côro

N'esses ermos rugidôres
 descantamos ao luar.
 Somos irmans dos Amôres,
 somos as filhas do Mar.

A voz

Este mundo é negro e triste;
 viver é sempre agonia;
 ¿ mas ao canto quem resiste?
 ¿ quem resiste á melodia?

Côro

Desvanecemos mil dôres
 ao som do nosso cantar.
 Somos irmans dos Amôres,
 somos as filhas do Mar.

SCENA VIII

OS MESMOS, mais DINAMARCA, chegada n'um bergantim,
 d'onde desembarca ligeira na praia. Reconhece logo Amadís,
 e vai para elle.

AMADÍS (*reconhecendo-a tambem,
 fala baixo com o Ermitão*)

Padre, ¿ aquella é Dinamarca!
 não me engano; é ella; sim.

¿ A que vem n'aquella barca?
 ¿ o que a traz? Lá desembarca.
 ¡ Que vejo! ¡ busca-me a mim!?...

DINAMARCA (*chegando-se a Amadís,
 e falando baixo e rapido*)

Senhor, ¡ tão cançada venho!
 mas foi jornada feliz.
 Ao navegar n'esse lenho,
 (sabei) todo o meu empenho
 era ver-vos, Amadís.

(*Alto, e em voz dolente, para que todos oiçam*).

Padre, ouvi-me em confissão;
 recorro á vossa indulgencia.
 Restitui consolação
 á atribulada consciencia,
 que se fina de afflicção.

(*Annué Amadís por disfarce, e aparta-se com Dinamarca
 para o proscenio, sentando-se ambos n'um penedo, em quanto
 os mais conversam em grupos pelo fundo*).

AMADÍS (*espantado*)

¡ Vós aqui!?...

DINAMARCA (*energica, e dominando-o com o tom
 e o gesto*)

Eu. Respondei:
 ¿ que fazeis aqui n'este êrmo?
 ¿ que é isto? ¿ como é que achei

occulto, pallido, enfêrmo,
 e frade... um filho de Rei?!
 Vós, tão feliz nos amôres,
 vós, tão dextro capitão,
 vós, primaz de lutadôres,
 ; como buscais solidão,
 e enterrais tantos primôres?!!

AMADIS (*muito desalentado, e deixando cahir a cabeça
 sôbre o peito*)

Perdi Oriana.

DINAMARCA

Senhor,
 nunca perdestes Oriana;
 illude-vos vossa dôr.
 Ambos perde, ambos engana
 o vosso Anão trahidôr.
 Quem armou tamanho enrêdo,
 fôi só elle. Oriana é pura.
 Do seu proprio amôr tem mêdo;
 tem mêdo á vossa ternura;
 este amôr é o seu segrêdo.

AMADIS (*colérico e erguendo-se de repente*)

; O Anão!!!...

DINAMARCA (*erguendo-se tambem*)

Sim, o infame Anão.
 Lêde isto, antes que me eu parta.

(*Entrega a Amadis a missiva*).

De Oriana a propria mão
 a vós envia esta carta,
 e na carta o coração.
 ; Sus, Amadís! no seu peito
 sincero amôr por vós arde;
 e vós, em prantos desfeito,
 mortalhado, contrafeito,
 treméis como um vil cobarde!?!...

Amadís abre a carta convulso, e lê-a para si, com signaes de alegre commoção. Ao mesmo tempo que a lê, e medita, rompe-se entre a espessura das grandes árvores no 1.º plano uma especie de espelho phantástico, dentro no qual apparece, ao longe, banhada de luz, a branca e vaporosa figura de Oriana, a sorrir e a acenar chamando Amadís. Esta apparição, só elle a vê. Passado um minuto, desfaz-se a visão.

AMADÍS (como acordando de um sonho)

; Sonho, ou velo? Não, não sonho;
 desperto estou. ; Quão feliz!
 Já frade me não supponho;
 abriu-se o porvir risonho;
 renasci. Sou Amadís,
 Amadís, o cavalleiro,
 Amadís, o campeador,
 Amadís, que o mundo inteiro
 encheu com o brado altaneiro
 de lealdade, fé, e amôr.

(Delirante de alegria, chega-se ao velho Ermitão, abraçando-o carinhosamente, depois que este, solenne, e compre-

hendendo o caso todo, foi buscar as várias armas de Amadís, e as traç sobraçadas).

Padre, abraça-me; bem vê: de luz o meu ceo se doira.
Hei-de aqui voltar talvez.

(Empurra a vassoira com o pé).

Cá deixo a tua vassoira,
e venha a espada outra vez.

(Deita fora o hábito, e enlaça rápido o cinturão com a espada, recebendo do velho o capacete e o punhal, que segura nos braços).

Fica-te na paz d'este êrmo.
Outro abraço. ; E ao mar! ; ao mar!
A travéz do mar sem têrmo
o meu coração enfêrmo
busca as delicias do amar.
Finda o destêrro; eis o pôrto.
Oriana é como um sol
nas trevas do desconfôrto.
; Vá! ; Ressuscita, homem môrto!
; Lázaro, despe o lençol!...
.....

(Todos embarcam, e vão cantando alegres as seguintes estrophes):

CÔRO GERAL

São findas as canceiras;
nosso penar deu fim.
Soltemos, companheiras,
ao mar o bergantim.

O mar por nós se aplaná,
e a sua voz nos diz :
; Amôres a Oriana,
e glórias a Amadís!

*(Deslisam ao fundo as barcas, ao som de musicas enthusias-
ticas, em quanto o Ermitão, sosinho na praia, as abençôa.
Vai o pano cahindo de ragar, e ficam ainda as melodias
ressoando algum tempo).*

FIM.



do Livro, Lisbon

8/27/76 - bundle de livros
#207



Vicente, Gil

198819

